



10º Simposio de Ensino de Graduação

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM JORNAIS

Autor(es)

LINAMARIA SOARES RIBEIRO DE MORAES

Co-Autor(es)

DANIELA FONSECA DE OLIVEIRA

Orientador(es)

DANIELLE MAXIMO PLENS PINELLI

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise linguística de duas reportagens retiradas de jornais impressos, sendo um da cidade de Piracicaba e outro de Curitiba, observando as diferentes variações presentes nesses suportes. Fundamentamo-nos nas teorias da corrente Sociolinguística, que se destacou em 1960 a partir das reflexões de William Labov, e tem como principal objeto de estudo observar as diferentes variações linguísticas presentes nas comunidades dos falantes. Como forma de perceber o uso da língua e sua variação, escolhemos analisar o jornal por considerarmos um importante veículo de informação, formador de opiniões, podendo contribuir para promover um posicionamento crítico e instigando a percepção de quem o lê para perceber a adequação de sua linguagem diante do público a que é destinado. Baseamos-nos principalmente nas teorias de Bagno(2010), Gnerre(1987) e Fiorin(2010).

2. Objetivos

Realizar uma análise linguística de jornais de pequena circulação, observando as diferentes variações linguísticas ao compará-los, considerando principalmente a diferença de adequação da linguagem diante dos seus leitores.

3. Desenvolvimento

A linguagem sempre foi alvo de interesse, uma vez que é a forma pela qual o ser humano se expressa no mundo em que está inserido. No início do século XX a Linguística se consolida como a ciência moderna que estuda a linguagem verbal humana a partir do livro Curso de Linguística Geral de Ferdinand Saussure. Segundo Fiorin (2008), a língua já foi vista como instrumento de comunicação, ou seja, código por meio do qual se estabelece a comunicação entre emissor e receptor, conceitos elaborados por Jakobson. Atualmente a linguagem é entendida como um processo de interação entre os sujeitos, assim, os falantes não usam a língua só para exteriorizarem seu pensamento ou para manter a comunicação, mas na verdade a usam para realizar ações, para atuarem um sobre o outro e produzirem sentidos numa dada esfera social, histórica e ideológica, segundo afirma Bakhtin. (in Fiorin, 2008). Depois do reconhecimento da Linguística como uma ciência, ela foi dividida em várias correntes e uma delas, a Sociolinguística, termo surgido em 1960, é uma vertente da Linguística que tem como objeto de estudo a variação da língua em seu uso real, levando em consideração

as relações entre a sua estrutura e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. A Sociolinguística entende a variação linguística como fenômeno cultural que pode ser motivado por fatores linguísticos tais como classe sintática, fonética, fonológica, morfológica, semântica e lexical ou extralinguísticos, a variação social, a variação regional, a variação histórica e a variação de registro ou estilística, conforme os apontamentos de Bagno (2007). Por outro lado, ressaltamos outro conceito importante para a Sociolinguística, o preconceito linguístico, muito comum de ocorrer quando a variante linguística utilizada difere da linguagem padrão, já que esta é usada e pensada como um ideal de língua. No Brasil, embora a grande maioria fale o português, este representa um alto grau de variedade e diversidade causando então conflitos do que seria errado ou certo. Cabe acrescentar ainda que, segundo Gnerre (1987) o homem ocupa seu papel na sociedade em que vive e tudo o que se produz linguisticamente adquire valor se realizadas no contexto social e cultural apropriado. Todo falante, para o autor, deve saber quando pode ou não falar, que tipo de conteúdos lhe pertencem, qual a variação linguística mais adequada para aquela situação em que está inserido. Podemos escolher como falar, a língua é viva, porém, nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades uma vez que o que tem sido nomeado como certo em nossa sociedade é a língua de prestígio, pois como afirma Gnerre uma variedade linguística vale o que valem os seus falantes (GNERRE, 1987). Reverter as imposições sociais quanto a língua não é tarefa fácil, mas precisa ser buscada com reflexão, ação e quebra de paradigmas.

4. Resultado e Discussão

A fim de fundamentarmos nossa análise, selecionamos dois distintos jornais, um da cidade de Piracicaba/SP e outro da cidade de Curitiba/PR, o primeiro jornal intitula-se Jornal de Piracicaba e em seu suplemento Agito & Gourmet interessou-nos uma matéria sob o título O versátil café, a paixão nacional, publicado em 25 de março de 2012, em comemoração ao dia nacional do café (24 de maio), sendo esta o principal destaque na página inicial. Logo no começo da matéria fica clara a escolha pelo uso da norma considerada padrão, até mesmo com algumas palavras do vocabulário da norma culta: desjejum, paladar, iguaria, barista, Kostritzer (cerveja que tem café na composição). Também é possível notar que o foco da matéria diz respeito às classes sociais mais privilegiadas, pois além do uso das palavras já citadas os locais de referência para saborear a bebida o jornal só cita o shopping e acrescenta bebidas como african breeze, orange coffee que não estão presentes nos falares das classes menos privilegiadas. Essa ideia pode ser reforçada por Gnerre (2009) quando afirma que uma variedade linguística vale o que valem na sociedade os seus falantes, isto é vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas sociais. Assim, percebemos que a matéria em questão interessa principalmente aos leitores mais letrados e suas variantes linguísticas não são o foco do citado jornal. Não que exista uma censura para comprar ou vender esse jornal, o fato existente é que talvez a sua linguagem não seja interessante a todo tipo de leitor. Percebemos, então, uma variação social como aponta Bagno (2007) percebida nas diferentes formas de expressão dos falantes de grupos socioeconômicos distintos, considerando-se a idade, o grau de escolaridade, origem, gênero, uma vez que um leitor menos letrado provavelmente tenha dificuldade em entender o enunciado. Cabe salientar ainda, que estão presentes os jargões da área de gastronomia, tais como degustadores, menu, gastronômico. Acrescenta-se que, apesar de o jornal citar o café como paixão nacional, deixaram de fora os demais componentes da sociedade piracicabana que também apreciam a bebida, mas que provavelmente frequentem outros locais ou não fazem uso das referidas palavras selecionadas em seu dia a dia. Ficou totalmente de fora o aspecto informal geralmente usado para dar um tom mais descontraído se considerarmos, principalmente, o tipo de caderno ou suplemento. O outro jornal selecionado foi o suplemento da Gazeta do Povo, publicado em 6 de setembro de 1992, este muito conceituado na região de Curitiba, trouxe em seu caderno uma matéria sobre restaurantes, bares e outros locais da noite curitibana. Chamou-nos a atenção sua proposta descontraída, informal e divertida da reportagem que sob o título O que vai hoje? que propõe a montagem de um dado alcoólico. Podemos perceber nesta matéria também a variação social apontada pela corrente da Sociolinguística, em sua produção textual transcrita a seguir: Tá decidido! Não há meditação, pensamentos elevados ou preguiça de ir até o bar da esquina que lhe desvie a atração por um porre! Tudo bem, já que o lance é enxugar o copo, aqui vai um instrumento básico na vida de qualquer bebum, casual ou irremediável. Faça um último esforço e antes de molhar a garganta, recorte, cole sobre uma cartolina e monte esse dado alcoólico. Ele indicará qual é a sua bebida de hoje, a transformadora, a certa, a mega amiga, a única e incansável companheira que tolera seus beijos e goladas. A notícia, além de fazer uso de gírias como deprê, lance, usando vocabulário expressivo que diferencia um grupo do outro muitas vezes destacando a idade dos falantes como mais jovens, também usa de termos irônicos que brincam com o sentido como em Inflação subiu? Em cima de quem?, Você está pro crime. Outra variação percebida da corrente sociolinguística foi a histórica, com relação à palavra champanhe que, de origem francesa foi incorporada ao léxico brasileiro. Assim como a palavra whisky, de origem americana que passou para a grafia uísque. Frente ao observado na Gazeta do Povo, a reportagem atinge sua proposta de informar de maneira objetiva, sem deixar nada em obscuro, pelo contrário, notícia clara e com um tom bem humorado além de ter uma linguagem mais acessível e sem perder a qualidade na informação. Dessa forma, foi possível perceber que mesmo sendo comum ouvir pessoas dizerem que no Brasil fala-se apenas uma língua, a realidade estudada é outra. Merece destaque citar que cada material analisado posteriormente possui variações linguísticas, indicadas pelo estudo da Sociolinguística e contradições na sua origem, que nos faz repensar quando acreditamos que a cidade de Curitiba capital do Paraná, é considerada como modelo no país, premiada por projetos implantados como urbanização, meio ambiente e transporte coletivo, edite seu principal jornal de forma bastante diversificada, apostando em uma linguagem nada padrão, pois o foco é atingir todo tipo de leitor, principalmente o caderno analisado. Este aborda uma linguagem coloquial, descontraída e atualizada para sua edição (1992), deixando de lado toda a preocupação em focar apenas em um tipo específico de leitor, ao abranger principalmente os jovens. Quanto

ao jornal de Piracicaba, mesmo pertencendo a uma cidade conhecida nacionalmente por seu sotaque caipira, quando a fala enfatiza a letra R, como a pronúncia da Ce[R]veja, pó[R]ta, percebemos que idealiza um público que domine a variante culta da língua ao incorporar, por exemplo, palavras desjejum, paladar, degustadores, iguaria, gastronômico, barista, Kostritzer, deixando apenas as variedades linguísticas para suas tirinhas ilustradas como deboche dessa variedade linguística, reforçando então o preconceito linguístico em usar qualquer outra variante. Dessa forma, conclui-se então que possivelmente os textos são escritos de maneira pensada, calculada para atrair um tipo de leitor, aquele que conhece e faz uso da considerada variedade culta.

5. Considerações Finais

Ao compararmos os dois jornais, foi possível vivenciar na prática como ocorrem as variedades linguísticas nos suportes e que cada um procura escolher e qualificar o seu tipo de leitor, ao selecionar as variedades linguísticas adequadas ao seu público alvo. A finalidade de cada linguagem serve para atrair seu leitor, mesmo que, muitas vezes, eles não reconheçam a variação como a expressão dos diferentes falares da língua materna, combatendo assim, o preconceito linguístico ainda tão presente nos meios de comunicação e na sociedade como um todo.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. Preconceito linguístico O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2008.
- FIORIN, J. L. (org.) Introdução à Lingüística. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.
- FRIAS, O. F. 05/08/84. Vampiros de papel. FOLHETIM nº 394 (Suplemento da Folha de S. Paulo).
- GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- MOSCA, L. L. S. A voz institucional. GT As diversas vozes do jornal e o seu discurso. XXII Anais do Gel. Ribeirão Preto: Cortez. 1993.